
A GINÁSTICA NOS CURSOS DE LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO RIO GRANDE DO SUL

GYMNASTICS IN UNDERGRADUATE PROGRAMMES OF PHYSICAL EDUCATION IN THE FEDERAL UNIVERSITIES OF RIO GRANDE DO SUL

Maurício Berndt Razeira¹, Flávio Medeiros Pereira¹, Carla Rosane Carret Machado¹, José Antonio Bicca Ribeiro¹ e Mariângela da Rosa Afonso¹

¹Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, Brasil.

RESUMO

Este estudo objetivou diagnosticar a Ginástica Escolar (GE) nos cursos de Licenciatura em Educação Física das Universidades Federais do Rio Grande do Sul. A pesquisa caracteriza-se como descritiva e a amostra contou com a participação de cinco universidades. Na coleta dos dados, foram analisados documentos disponíveis nos sites dos cursos, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores responsáveis pelas disciplinas de GE, nas universidades. Os resultados mostraram que as disciplinas de GE representam 1,6% do total dos componentes curriculares relativos aos conteúdos de natureza científico-cultural. Inexistiam projetos de ensino e extensão centrados na GE, e a produção científica dos professores responsáveis pelas disciplinas de GE, também era pequena. É possível destacar que as fragilidades encontradas relativas à GE podem refletir e influenciar negativamente na formação dos acadêmicos e conseqüentemente, na realidade da GE no âmbito escolar.

Palavras-chave: Currículo. Educação Física. Ginástica.

ABSTRACT

This study aimed to diagnose the School Gymnastics (SG) in Undergraduate Programmes of Physical Education in the federal universities of Rio Grande do Sul. The research is characterized as descriptive and the sample included the participation of five universities. In data collection, document available on the websites of the courses were analyzed, and semi-structured interviews were conducted with teachers responsible for SG of disciplines in universities. The results showed that the SG disciplines represent 1.6% of all curriculum components for the scientific-cultural content. Nonexistent education and extension projects focused on SG, and the scientific production of teachers responsible for SG disciplines, was also small. Is possible to highlight the weaknesses found relating to SG and can reflect negatively influence the formation of academics and consequently the reality of SG in schools.

Keywords: Curriculum. Physical Education. Gymnastics.

Introdução

Os cursos de licenciatura têm como objetivo principal formar professores - incluídos os de Educação Física (EF) - para lecionar na Educação Básica, conforme o art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBN nº 9.394¹. Esses cursos devem ter, uma carga horária mínima de 2.800 horas e três anos de duração de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE, nº 02². Ainda conforme tal resolução são exigidas 1.800 horas de conteúdos de natureza científico-cultural, que nas licenciaturas em EF se enquadram esportes/dança/jogos/luta/ginástica entre outros.

E, segundo o art. nº 8 da Resolução do CNE nº 07^{3:03} tem-se que:

Para o Curso de Formação de Professores da Educação Básica, licenciatura plena em Educação Física, as unidades de conhecimento específico que constituem o objeto de ensino do componente curricular Educação Física serão aquelas que tratam das dimensões biológicas, sociais, culturais, didático-pedagógicas, técnico-instrumentais do movimento humano.

Na atualidade, os currículos de Licenciatura, inclusos os de EF atribuem um grande peso às disciplinas que os compõem, mas não se esgotam nelas. Porém, estas são vitais para a efetiva operacionalização curricular. Por mais que a existência de disciplinas seja questionável nas grades curriculares, elas são importantes e uma forma objetiva de estruturação dos cursos superiores.

De acordo com Ilha, Krug e Krug⁴ as disciplinas cursadas durante a formação inicial são de extrema importância para a atuação do acadêmico no contexto escolar, e fundamentais para a definição da identidade do curso. E, dentre as disciplinas curriculares dos cursos de Licenciatura em EF se tem a ginástica. A ginástica sendo uma das formas mais antigas de exercício física humana, é componente histórico dos currículos dos cursos de Licenciatura em EF⁵.

Conforme Marinho⁶, no ano de 1882, o conteúdo ginástico tornou-se obrigatório para ambos os sexos, através de parecer do deputado geral Rui Barbosa, podendo ser ministrado nas escolas de ensino primário e também na formação profissional.

Desta forma, historicamente a ginástica faz parte dos currículos dos cursos de Licenciatura em EF. Montiel e Pereira⁷ identificaram que a ginástica, fazia parte do corpo de conhecimento específico de dezesseis cursos de Licenciatura em EF do estado do Rio Grande do Sul (RS), com as disciplinas de Ginástica I até Ginástica V.

Além disso, para Silva *et al.*^{8:08}:

Não se pode, assim, deixar de destacar a ginástica no cenário da Educação Física brasileira, sobretudo por conta do seu papel desempenhado nas primeiras décadas da formação profissional específica, [...] por ser identificada como um eixo central na formação específica. As ginásticas naquele período seja no meio militar ou a partir dos militares na formação de civis, destacavam-se sobre as demais práticas corporais e tiveram papel marcante na relação teoria e prática na primeira metade do século XX, no sentido de estabelecer a necessidade de se fazer exercícios, bem como de um profissional que a instrua.

Entretanto a partir das décadas de 1970 e 1980, o cenário sociopolítico do país passou por diversas mudanças, sendo uma delas relacionadas ao esporte, o qual passou a ser o conteúdo principal da EF escolar e, posteriormente, na composição curricular dos cursos de Licenciatura⁹. Foi possível identificar o predomínio dos esportes coletivos de quadra (Basquetebol, Handebol, Futsal, Voleibol e variedades de Futebol passíveis de jogo nos pátios e quadras de escolas) e dessa forma a ginástica foi perdendo espaço nos cursos de formação profissional e nas aulas de EF escolar.

Considerando a presença da ginástica nas aulas de EF escolar, a mesma é abordada principalmente na parte inicial (aquecimento e alongamento) e final (relaxamento) segundo algumas pesquisas realizadas¹⁰⁻¹². Além disso, diversos autores, como Guedes e Guedes¹³, Pereira¹⁴, Azevedo¹⁵, Pereira e Silva¹⁶, Pereira¹², Fortes *et al.*¹⁷ e Cardoso *et al.*¹⁸ identificaram a hegemonia do esporte no cotidiano escolar, o que pode implicar, de certa forma na diminuição de espaços e possibilidades para a realização de outras práticas corporais como, dança e ginástica por exemplo.

Segundo Chicati¹⁹, a motivação também é fator que influencia na prática de determinada atividade corporal, sobretudo da ginástica, que segundo o autor é o segundo conteúdo menos motivante nas aulas de EF escolar. Outro fator que pode influenciar na prática da ginástica, ou na utilização de tal conteúdo nas aulas de EF, é o conhecimento dos professores com relação à ginástica²⁰. Nas aulas de EF é mais comum presenciarmos a utilização de conteúdos que os professores tem maior conhecimento ou práticas corporais que tem relação com a identidade construída de cada um.

Tendo em vista as potencialidades pedagógicas e culturais da GE, entende-se que ela pode estar subdimensionada, no âmbito escolar e o reflexo pode estar na formação inicial em EF, onde currículos possuem quantidade insuficiente de disciplinas relacionadas à temática, e ainda pouco trabalho de pesquisa e extensão em tal âmbito.

Para tanto considera-se a GE que compreende a forma de exercitação física, gímnica, voltada especificamente para a EF. A GE tem como essência fenomenológica o exercício físico educativo, partindo de movimentos culturalmente determinados e objetivando o desenvolvimento, sob o prisma eminentemente pedagógico, de potencialidades humanas: valores, conhecimentos, competências, volição, afetividade, dentre outros e, principalmente, de capacidades físicas como força, resistência (localizada e aeróbica), flexibilidade, agilidade, equilíbrio e descontração. Além disso, a GE enquanto elemento educativo visa propiciar competências para que o aluno no imediato e no futuro possa usufruir dos benefícios de sua prática contínua, processual, metódica.

O objetivo da pesquisa foi diagnosticar a presença do conteúdo Ginástica Escolar nos cursos de Licenciatura em EF das Universidades Federais do RS. Buscou-se ainda verificar as atividades de pesquisa e extensão relacionadas a temática, com o intuito de traçar um panorama mais completo da temática enquanto conteúdo necessário para a formação inicial em Educação Física.

Neste estudo não foram consideradas outras manifestações gímnicas específicas encontradas nos currículos dos cursos de Licenciatura e em práticas escolares como Ginástica Artística (GA), Ginástica Rítmica (GR) e a Ginástica Geral (GG), pelo enfoque esportivo e por elas evidenciarem maior quantidade de estudos e produção científica.

Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo descritivo-exploratório e de multicase. Foram analisados os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC)²¹⁻²⁶ de seis cursos de Licenciatura em EF das cinco Universidades Federais do Rio Grande do Sul (UF-RS), juntamente com seus respectivos coordenadores de curso de graduação e cinco docentes responsáveis por trabalharem diretamente com a temática GE.

Dentre as UF-RS que colaboraram com o estudo tivemos a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Essas universidades foram selecionadas por pertencerem à mesma rede de ensino superior, vinculadas ao governo federal, e por conseguinte ter a mesma fonte de recurso financeiro; por oferecerem atividades de pesquisa, ensino e extensão; com docentes que possuem o regime de trabalho de dedicação exclusiva; os cursos não necessitarem de pagamento de mensalidades pelos alunos e geograficamente por abrangerem quase todas as regiões do estado do Rio Grande do Sul.

Após a seleção das universidades que participariam do estudo, começamos com a análise das fontes de dados estabelecidas para a pesquisa, segundo as etapas que seguem.

a) Análise documental dos projetos pedagógicos de curso

Para esta etapa, procedemos uma busca nos sites das respectivas universidades verificando aquelas que possuíam o documento disponível para *download*. Nas universidades em que o PPC não estava disponível on-line, entramos em contato com os coordenadores de curso, solicitando o material. A análise dos PPC possibilitou a construção de um quadro analítico das disciplinas presentes no currículo e àquelas relacionadas especificamente à GE, sendo que foram coletadas informações da quantidade de disciplinas no currículo, quantidade

de disciplinas relacionadas à GE, semestre letivo em que eram ofertadas, ementa, carga horária e o caráter de oferta da disciplina (optativa/eletiva/obrigatória). Com esta análise, procuramos verificar o quanto a GE está presente nos currículos e por conseguinte na formação de novos professores, e o peso atribuído a ela em comparação com as demais disciplinas.

Vale ressaltar que as disciplinas que tiveram foco principal neste estudo, foram àquelas relacionadas à GE e deveriam ter na composição do seu nome ou ementa o termo 'ginástica', e ainda o conteúdo deveria ser voltado para o âmbito escolar. Os projetos de pesquisa, ensino e extensão também deveriam atender os mesmos requisitos. Foram excluídas da pesquisa as disciplinas que possuísem a ginástica com foco secundário, como por exemplo, os esportes, onde ela é contemplada como aquecimento ou preparação psicofísica antes da prática ou pós-atividade. Também ficaram fora as disciplinas com conteúdo ginástico competitivo, esportivo, demonstrativo ou de reabilitação.

b) Análise documental dos currículos Lattes dos professores

Após a análise dos PPC dos cursos e identificadas as disciplinas relacionadas especificamente com a GE, entramos em contato com as instituições visando identificar os professores responsáveis pelas disciplinas. A partir daí, foi realizada a análise dos currículos de cada docente a partir da Plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científica e Tecnológico (CNPq), com o objetivo de caracterizar cada um deles quanto a sua formação, disciplinas ministradas nos cursos de graduação e pós-graduação da universidade em que estão vinculados, projetos de ensino pesquisa e extensão que coordenam, produção científica relacionada à GE e a experiência profissional na educação básica e superior. Buscamos com a análise dos currículos Lattes verificar as aproximações e os distanciamentos entre a trajetória de cada docente com a GE, bem como, com o currículo de cada instituição.

c) Entrevistas com coordenadores de curso e docentes

Optamos por entrevistar os coordenadores de curso de graduação entendendo que eles, devido a suas responsabilidades e atribuições do cargo que desempenham na instituição seriam os mais preparados para prestarem informações sobre o desenvolvimento curricular de suas instituições, e especificamente informações referentes a escolha da quantidade de disciplinas referentes à GE e carga horária das mesmas. Para o agendamento das entrevistas, buscamos o contato de cada coordenador no site da universidade, e quando não estava disponível tal informação entramos em contato diretamente com a secretaria dos cursos. O roteiro da entrevista semiestruturada com os coordenadores era formado de duas partes: a primeira de caracterização do sujeito (formação, idade, sexo, atuação na instituição, etc.) e a segunda relacionada à atuação na instituição (como são escolhidas as disciplinas do currículo, como são designados os professores para cada uma delas, quem determina a carga horária e o caráter de cada uma, etc.).

Quanto aos professores, estes foram incluídos por tratarem diretamente com a GE e assim dispõem dos conhecimentos necessários ao estudo, como a forma de trabalho de cada um, aspectos relacionados à escolha de conteúdo das disciplinas, metodologias de trabalho, etc. Além disso, as informações que foram coletadas superficialmente através dos currículos Lattes dos docentes, puderam ser aprofundadas nas entrevistas. O contato de tais docentes foi obtido junto aos coordenadores ou com a secretaria dos cursos, e ao serem contatados, fizemos o agendamento das entrevistas. As entrevistas semiestruturadas realizadas com os docentes seguiu um roteiro base, dividido em três blocos, sendo o primeiro com questões gerais de caracterização do sujeito (sexo, idade, formação, tempo de atuação na educação superior, entre outros); o segundo com questões relacionadas à atuação na universidade (disciplinas que ministra, projetos de ensino, pesquisa e extensão que coordena, entre outros); e o terceiro, relacionado especificamente ao trabalho específico com a GE (seleção de

conteúdos para as disciplinas que ministra, metodologia de trabalho, objetivos e competências que busca atender, entre outros).

No total, as entrevistas foram realizadas pessoalmente com quatro coordenadores e dois docentes, já os demais pesquisados responderam ao roteiro da entrevista por e-mail, devido à indisponibilidade de tempo.

Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho dos depoentes e gravadas com o consentimento dos mesmos. As posteriores transcrições foram realizadas pelos responsáveis do estudo e enviadas aos participantes para que os mesmos pudessem autorizar a utilização do que foi coletado.

O estudo utilizou a pesquisa documental, pois, ela vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa²⁷. Com relação às entrevistas esse mesmo autor diz “a entrevista pode ser definida como técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado a lhe formular perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”^{27:109}.

A coleta dos dados ocorreu de junho a novembro de 2013. Para a exposição dos mesmos, todos aqueles que puderam ser quantificáveis foram expressos em valores absolutos e percentuais. Tanto os PPC como os currículos Lattes dos docentes ou as entrevistas com os coordenadores e docentes foram analisados baseando-se na análise de conteúdo²⁸. A síntese da estruturação dos resultados e discussão encontra-se detalhada no Quadro 1.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sob o parecer nº 576.517. Os pesquisados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os cursos, os coordenadores e os docentes foram identificados por letras e números para garantir o sigilo absoluto das identidades.

| | ETAPAS | INSTRUMENTOS | OBJETIVOS DOS INSTRUMENTOS |
|----------------|--|---|---|
| Etapa 1 | Identificação das disciplinas de GE | Análise documental do PPC. | Identificar as disciplinas de GE. |
| Etapa 2 | Entrevista com os Coordenadores | Entrevista semi-estruturada. | Identificar as disciplinas de GE; Diagnosticar projeto de pesquisa, ensino e extensão centrados na GE. |
| | Entrevista com os Docentes de GE | | Caracterização do docente; Desenvolvimento da disciplina; Conteúdo ministrado. |
| Etapa 3 | Análise de ações como pesquisa, ensino e extensão no currículo do Docente de GE | Análise documental do Currículo Lattes. | Verificar o envolvimento do docente os projetos de pesquisa, ensino, extensão, produção bibliográfica, produção técnica e orientações tratando da GE. |

Quadro 1. Fases da pesquisa.

Fonte: Os autores

Resultados e Discussões

As cinco UF-RS estudadas, geograficamente localizam-se nas regiões: metropolitana, centro, fronteira-oeste e sul do RS. Numa universidade são ofertados dois cursos de Licenciatura, um diurno e outro noturno, com dois diferentes coordenadores de curso de graduação e o mesmo professor responsável pela GE.

O Quadro 2 foi construído a partir dos seis PPC²¹⁻²⁶ das universidades estudadas. Nele constam informações referentes ao total de disciplinas do currículo, o caráter das mesmas (obrigatória ou optativa), o total de disciplinas que tratam especificamente da GE e quantas destas são de caráter obrigatório ou optativo/eletivo.

| UF | Total de disciplinas no currículo | Caráter de todas as disciplinas nos currículos | | Total de disciplinas com conteúdo GE | Caráter das disciplinas com GE | |
|--------------|-----------------------------------|--|------------------|--------------------------------------|--------------------------------|------------------|
| | | Obrigatória | Optativa/Eletiva | | Obrigatória | Optativa/Eletiva |
| *C1 | 86 | 63 | 23 | 4 | 4 | - |
| *C2 | 74 | 42 | 32 | 3 | 1 | 2 |
| *C3 | 86 | 51 | 35 | 2 | 1 | 1 |
| *C4 | 86 | 51 | 35 | 2 | 1 | 1 |
| *C5 | 103 | 50 | 53 | 6 | 1 | 5 |
| *C6 | 56 | 51 | 5 | 1 | 1 | - |
| Total | 491 | 308 | 183 | 18 | 9 | 9 |

Quadro 2. Disciplinas com conteúdo de GE, caráter das disciplinas e total de disciplinas presentes nos currículos dos Cursos de Licenciatura em EF das UF-RS.

*C significa curso e a numeração que o identifica.

Fonte: Os autores.

Na quantidade de disciplinas voltadas para a GE e a forma de oferta, as universidades apresentam diferença entre elas, havendo a concordância de todas ofertarem a GE como disciplina obrigatória. Em duas não existem disciplinas de GE com caráter optativo/eletivo. Para uma instituição, as quatro disciplinas voltadas para GE tem caráter obrigatório, porém em outras duas encontrou-se uma maior quantidade de oferta da GE como optativa/eletiva.

Quanto as disciplinas obrigatórias referentes à GE, apenas 2,9% se encaixam nessa categoria, quando comparadas às 308 disciplinas ofertadas. No cômputo geral, a GE representou 3,7% do total de 491 disciplinas, elencadas nos PPC. Com relação ao semestre letivo, as disciplinas com GE de caráter obrigatório são ofertadas predominantemente no 2º ou 4º Semestres de graduação. Essas disciplinas são ofertadas antes dos Estágios Curriculares Supervisionados, situação que assim poderia contribuir para a utilização de tal conteúdo na prática de ensino dos acadêmicos.

Já as disciplinas de caráter optativo/eletivo são disponibilizadas do 1º ao 8º semestres e representam 4,9% do total de 183 disciplinas relacionadas a GE que podem ser escolhidas pelos acadêmicos.

No Quadro 2 podemos destacar um subdimensionamento da GE em termos quantitativos nos currículos dos cursos de Licenciatura em EF. A proporção de disciplinas referentes à GE (3,7%) nos currículos é inferior do que foi encontrado nos currículos considerando estudos anteriores^{29,30}, onde a ginástica era predominante quando comparadas as demais. Diferentemente do que se encontra nos PPC estudados, Montiel e Pereira⁷ informam que antes das atualizações curriculares decorrentes das resoluções nº 01, 02 e 07 do CNE^{3,31} do início da década passada, nos cursos de Licenciatura em EF do RS a ginástica era

encontrada com várias subdivisões e denominações como: Ginástica I, II, III e IV, Ginástica Básica, Ginástica Infantil ou Fundamentos de Ginástica.

Buscando confirmações e maiores dados que os disponibilizados pelos PPC, os coordenadores (CO) de curso de graduação de cada universidade responderam a uma entrevista sobre a realidade da GE em suas instituições. Nos relatos desses coordenadores constatou-se que a GE diminui ainda mais. De modo diverso ao encontrado nos PPC, os coordenadores, dos cursos de Licenciatura revelaram a realidade da GE dentro dos cursos de formação.

O CO-1 relatou na entrevista que “nesse curso – de licenciatura em EF - não existe GE de forma central, mas permeia de maneira transversa ou é utilizado como método nas disciplinas”. Isto revela que na universidade que possui o CO1, não existe um trabalho específico com a GE, ainda que no seu PPC apareçam quatro disciplinas de caráter obrigatório. A partir da fala dos coordenadores dos cursos CO2 e CO5, também existe uma redução das disciplinas que tratam da GE, contrapondo o que está explicitado no PPC. No caso do CO2 as disciplinas de GE são reduzidas de três para uma, e no CO5 o número reduz de seis para cinco. Considerando-se que os PPC de tais cursos são de 2005, é possível que a discrepância encontrada se deva a informações ultrapassadas ou incompletas nos documentos. Nos demais cursos seus coordenadores confirmaram o que foi encontrado nos PPC.

Com relação aos projetos de extensão o CO-1 relatou que na sua instituição existe um projeto de extensão o qual tem como foco os esportes, mas o conteúdo ginástico é contemplado em alguns momentos. O CO-2 citou dois projetos nos quais a GE poderia ser abordada. Percebe-se que os projetos de extensão efetivam a GE de forma secundária, podendo ela estar ou não presente durante as práticas. Os demais coordenadores não informaram o trabalho com GE em seus projetos de extensão.

A partir da entrevista com os coordenadores foram identificados cinco projetos de pesquisa que contemplam a GE. O CO-6 relatou a existência de dois projetos. Os CO-1, CO-3 e CO-5 informaram de apenas um projeto tratando da GE cada um. Todos os coordenadores dos cursos estudados, disseram não existirem projetos de ensino referentes à GE. Mas o CO-2 complementou que a ginástica também pode vir a ser abordada em dois programas institucionais, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Educação Tutorial (PET).

Dentre as ponderações feitas pelos coordenadores ao final das entrevistas foram verbalizados:

Os coordenadores demonstraram preocupação com o ensino da GE dentro de suas instituições, que muitas vezes é inexistente ou secundário e um deles, atribuiu este fato, a falta de docentes para o atendimento da demanda de disciplinas. Para o CO-1, “existe a preocupação por não existir uma disciplina de GE na universidade. Além disso, esse conteúdo nos dias atuais apresenta fragilidades, como pouca pesquisa, e os alunos não saem preparados apropriadamente da formação inicial”.

Tal fala vai ao encontro da informação de Almeida²⁰, sobre as prováveis razões para a ginástica ter sido desvalorizada, sendo elas: A falta de visibilidade enquanto conteúdo da EF; A falta de explicação sobre a finalidade prática; A falta de discussão sobre os métodos ginásticos e suas formas de ação; A falta de diferenciação dos conteúdos da área e a busca exacerbada por novos métodos.

O CO-3: “Em recente experiência de um projeto que coordeno, da saúde, a ginástica está presente nele. Os alunos do ensino médio mostram-se bem interessados, para além dos conteúdos esportivos. A ginástica está muito presente nesta discussão”. Já o CO-6 destaca a dificuldade de se trabalhar com a GE dentro do currículo, seja em atividades de pesquisa ou extensão, e para ele “seria interessante oferecer mais componentes no currículo ou projetos de

ensino, pesquisa e extensão sobre a temática da GE, porém somos pouquíssimos docentes e não conseguimos dar conta de todas as demandas que o curso requer. Esperamos que este cenário melhore com a contratação de mais docentes efetivos e com melhor infraestrutura material e física, que é bastante precária na universidade”.

Caracterizando a formação docente encontrou-se que todos os cinco professores de disciplinas com GE tinham dedicação exclusiva na universidade, haviam cursado Licenciatura em EF e os editais dos concursos públicos para o ingresso nas universidades contemplavam a ginástica. Quatro deles tinham especialização em EF sendo um na área da GE. Todos tinham cursado mestrado em EF, mas somente um deles tinha a ginástica como foco do estudo. Dos três já doutores, dois defenderam teses as quais contemplaram a ginástica e dois estavam cursando o doutorado. Quatro tiveram experiência como professor de EF na educação básica variando entre o mínimo de um e o máximo de oito anos. O tempo de trabalho no magistério superior oscilou entre o mínimo de três anos e o máximo de vinte e nove.

Quanto aos cursos de pós-graduação, em nível de especialização dos docentes que trabalham com GE, concordando com Barbosa³² verificou-se que eles não se especializaram em ginástica. Já em nível de mestrado, apenas 20% contemplou a ginástica em sua dissertação, mas não foi relacionada à GE. Quanto ao doutorado 60% deles tinham essa titulação e os demais ainda o estavam cursando. Entre as três teses produzidas, 66,6% eram vinculadas a ginástica e desse índice 50% tratou a GE. Assim 20% das dissertações e 66,6% das teses abordaram a ginástica, situação parecida com o estudo de Barbosa³².

Dentre os professores pesquisados 80% deles atuaram na educação básica antes de iniciar a carreira no magistério superior. Essa situação é semelhante à encontrada por Barbosa³² em que a maioria dos professores também já havia lecionado na educação básica.

Durante as entrevistas realizadas com os docentes, pode-se evidenciar a contradição entre o que é encontrado nos PCC e nos depoimentos dos responsáveis pela GE. Nos PPC a GE representava 3,7% do total de disciplinas elencadas nos currículos. Porém os docentes apontam que na realidade elas representavam somente 1,6%. Essa divergência acontece, pelo fato de que alguns dos professores que eram responsáveis por disciplinas antes relacionadas à GE, efetivamente não contemplavam o âmbito escolar.

Rinaldi³³ ressalta que a possibilidade da ginástica não se fazer presente nos currículos das Licenciaturas, mas que compõe parte do universo de conhecimento da área. Além disso, a autora complementa que “as demais manifestações ginásticas (não competitivas) e a possibilidade de uma identidade própria do Brasil ficaram cada vez mais distantes e isso permanece até hoje”^{33:97}.

Entretanto, acreditamos que, com um pequeno número de disciplinas atinentes a GE nos cursos de Licenciatura, a produção científica e mesmo sua prática em nível escolar podem ser afetadas.

Nos currículos pesquisados existiam oito disciplinas de GE, sendo seis obrigatórias e duas optativas. Além dos conteúdos específicos da GE, quatro professores informaram que por dentro de suas disciplinas também eram contemplados conteúdos relativos à Ginástica Rítmica (GR), Ginástica Artística (GA), Ginástica Geral (GG), mesmo havendo nos currículos das universidades disciplinas específicas que tratavam de tais conteúdos (GA e GR).

Somente no PPC de uma universidade não se encontravam GA ou GR como disciplinas isoladas e seus conteúdos, então também eram tratados por dentro da GE. Assim, nesses cursos a GE era desenvolvida em apenas uma disciplina obrigatória, com um período reduzido de tempo, em função de haverem outros conteúdos sobre outras formas gímnicas sendo ministrados concomitantemente a ela.

E quando os professores de GE das universidades 1, 4 e 5 informaram que também direcionavam o trabalho com o conteúdo ginástico para área de academias, clubes e outros locais, o que pode ser considerado um problema mais profundo que “ampliação de área de interesse”. Essa situação não está de acordo com a legislação referente aos cursos de Licenciatura, como a Resolução CNE/CP nº 01³¹ a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Segundo a Resolução CNE/CP nº 07³, os espaços não escolares devem ser reservados aos bacharéis. Maschio *et al.*³⁴ informam que nos cursos de Licenciatura em EF há um predomínio de projetos relacionados ao mercado informal. E a GE ao também focar-se em outros ambientes, fica com uma abrangência de conteúdos e tempo voltados para a escola ainda menor.

No presente estudo a GE, com 414 horas aulas representou apenas 3,1% das 13.255 horas aulas que compreendiam a carga horária total dos seis cursos estudados. Isso difere do encontrado por Barbosa³² quando a autora evidenciou que as disciplinas relacionadas à ginástica representam 9,5% da carga horária dos cursos de Licenciatura em EF do estado do Paraná. Mas no estudo paranaense foram enquadradas todas as disciplinas com manifestações gímnicas.

No entanto, Razeira, Machado e Pereira³⁵ em pesquisa realizada nas cinco UF-RS constataram que a carga horária de todas as disciplinas referentes à ginástica, esportivas ou não, representa 6,6% dos currículos dessas instituições. Assim no RS esse conteúdo tem pouca relevância nos cursos de Licenciatura em EF, mesmo que comparado com estudo do Paraná.

Ilha e Krug³⁶ afirmam que as disciplinas são base para sentido da identidade do curso, assim, as especificidades dos conteúdos de ensino das disciplinas GE dos cursos de Licenciatura estudados, obtidas através das entrevistas com os docentes, encontram-se no Quadro 3.

| UF | Conteúdos |
|-------------------|---|
| *D-1 | 1- Conceituação da ginástica: análise sócio histórica; 2 - Classificação da ginástica; 3 – Definição e características do exercício físico; 4 - Descrição do exercício físico: planos e eixos, movimentos articulares; 5 – Capacidades motoras e ginástica; 6 – Planejamento e estrutura da aula de ginástica. |
| *D-2 | UNIDADE DIDÁTICA I- Fundamentação pedagógica da ginástica para o ensino escolar da Educação Física: Discutir a Educação Física (concepção pedagógica) enquanto área de conhecimento que trata da cultura de movimento; Identificar a ginástica enquanto cultura de movimento – conteúdo da Educação Física escolar; Resgate histórico; Discutir procedimentos didáticos-metodológicos para o processo de ensino/aprendizagem da ginástica. UNIDADE DIDÁTICA II- Ginástica e a construção da consciência corporal Movimentos básicos com/sem aparelhos; Tipos de ginástica; Jogos ginásticos, Qualidades motoras (força, resistência, flexibilidade, velocidade, agilidade, equilíbrio, coordenação e ritmo); planejar e implementar vivências de movimentos ginásticos. UNIDADE DIDÁTICA III- Projeto “vivenciando a ginástica na escola” Conhecer a realidade escolar; Planejamento de aula; Implementação dos princípios didáticos-metodológicos. |
| **D-3 e D-4 | 1º Unidade – a ginástica: o ser humano, a cultura e a escola. As aulas de educação física e o exercício ginástico educativo escolar como conteúdo de ensino e mediação pedagógica. A ginástica escolar e educação física: orientações legais, metas educativas, objetivos de ensino, planejamento, conteúdos, competências, ensino, avaliações, recursos materiais e instalações. 2º Unidades – O ensino da GE centran-do no exercício físico educativo escolar com diferentes objetivos, formas, materiais, implementos e locais: exercitação localizada, em circuito, com fundamentos esportivos e recreativos. A ginástica intervalada. 3º Unidade – interação pedagógica entre a GE e os outros conteúdos de EF e outras disciplinas escolares. Introdução à crítica da ginástica na literatura e no cotidiano escolar. |
| **D-3 e D-4 | 1º Unidade – fundamentos pedagógicos e didáticos da GE. 2º Unidade – a GE na proposta pedagógica escolar. 3º Unidade – A GE no cotidiano escolar: realidades, dificuldades e potencialidades. |

Continuação do Quadro 3...

| UF | Conteúdos |
|------|---|
| *D-5 | UNIDADE 1 – Histórico da Ginástica; UNIDADE 2 – Escolas Ginásticas; UNIDADE 3 – Ginástica e Educação Física no Brasil; UNIDADE 4 – Processo de Esportivização das Ginásticas; UNIDADE 5 – Panorama das Modalidades Ginásticas (Condicionamento Físico; Competição; Fisioterápicas; Conscientização Corporal; Demonstração); UNIDADE 6 – Problematização dos usos, possibilidades e limitações dos campos de atuação das ginásticas nos diferentes espaços (escolas, empresas, clínicas, ruas, academias).;UNIDADE 7 – Das questões metodológicas: o que ensinar, como ensinar, por que ensinar ginásticas? |
| *D-6 | Unidade 1 - Desenvolvimento e evolução da Ginástica: Práticas culturais de movimento no ocidente e oriente; O surgimento das escolas de ginástica européias e o movimento esportivo ingles; A presença da ginástica na escola brasileira; A ginástica no Brasil: prática da ginástica, influencias, tensões, prespectivas; o corpo na ginástica. Unidade 2 – Fundamentos básicos e estruturação dos exercícios de ginástica; Capacidades motoras e qualidade físicas dos movimentos da ginástica; Abordagem dos aspectos teórico-metodológicos do ensino-aprendizagem dos fundamentos da ginástica em diferentes contextos (academias, escolas, clubes, grupos, etc.). Unidade 3 – A Ginástica na Educação Física Escolar: Cenário da ginástica no brasil; Tendencias e abordagens da ginástica na Educação Física Escolar; Principios, fins, objetivos, metodologia da ginástica como prática pedagógica na educação Física Escola. Unidade 4 – Planejamento e realização de atividades pedagógicas da ginástica: Construção de possibilidades de desenvolvimento de proposta pedagógica da ginástica na Educação Física (escolar e não escolar); Mostra de ginástica: organização e realização de mostra de ginástica Para responder as perguntas anteriores, envio em anexo, Plano de Ensino da disciplina |

Quadro 3. Conteúdos desenvolvidos nas disciplinas GE nos cursos de Licenciatura em EF das UF-RS.

*D significa docente e a numeração o identifica.

** Os conteúdos ministrados pelos D-3 e D-4 aparecem em dois momentos – pelo fato do primeiro ser obrigatório e o segundo optativo, além disso, eles foram agrupados pelo fato de ser o mesmo conteúdo, mas um é diurno e outro noturno.

Fonte: Os autores.

Através do Quadro 3 percebe-se que a GE tem entre seus conteúdos categorias de análise como: sociedade, história, pedagogia, ensino, metodologia, exercício físico, movimento, escola e aulas. Tais conteúdos são coerentemente esperados para uma disciplina com contexto gímnico. O enfoque pedagógico-escolar somente não é foco principal do D1, conforme entrevista realizada com o docente responsável. Já o ambiente não-escolar está presente nas disciplinas ministradas pelos D5 e D6.

As referências dos conteúdos que tem caráter social, histórico, pedagógico, didático e/ou técnico-instrumentais são fundamentais para que a GE de fato tenha, em seu ementário, caráter gímnico e educativo. Lembrando que os conteúdos de ensino como conhecimentos identificatórios das disciplinas, eles podem ter várias classificações. Podem ser declarativos, procedimentais e condicionais, em conformidade com Alexandre e Judy³⁷. Para Coll³⁸ os conteúdos classificam-se como conceituais, procedimentais e atitudinais. E, segundo Libâneo³⁹ os conteúdos de ensino dentre outras categorias são um conjunto de conhecimentos, habilidades, modos valorativos e atitudinais, leis científicas, ideais, processos, valores e organização pedagógica-didática necessária para sua assimilação ativa.

Por fim, entendendo que é importante para as práticas pedagógicas que os docentes envolvam-se com a produção do conhecimento de sua área de atuação, buscou-se na base de dados da Plataforma Lattes, analisar ações de pesquisa, ensino e extensão dos professores responsáveis pela GE nos cursos estudados.

Tabela 1. Projetos de pesquisa, ensino, extensão, produção bibliográfica, produção técnica e orientações dos docentes tratando da GE.

| Categorias | D-1 | D-2 | D-3 | D-4 | D-5 |
|--------------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| Projetos | | | | | |
| Pesquisa | - | 2 | 5 | 1 | 2 |
| Extensão | - | 1 | 1 | - | - |
| Produção Bibliográfica | | | | | |
| Livros ou Capítulos | - | - | 5 | - | - |
| Artigos | - | 3 | 8 | - | - |
| Trabalhos em Evento | - | | 12 | 1 | 1 |
| Produção técnica | | | | | |
| Relatório de Pesquisa | - | - | 1 | - | - |
| Palestras ou mesa redonda | - | - | 2 | - | - |
| Orientações | | | | | |
| Iniciação científica | - | 4 | - | - | 2 |
| Trabalho de conclusão de curso | - | - | 2 | 1 | - |
| Dissertação de Mestrado | - | - | 2 | - | - |

Fonte: Os autores.

Verificou-se que a pesquisa é mais contemplada que a extensão e que 80% dos docentes tem ao menos um projeto de pesquisa relacionado à GE. Dois professores relataram via entrevista, ainda não os possuir os projetos cadastrados nas devidas instâncias. Coerente com a ementa de sua disciplina, onde não se encontrava o termo “escola”, o D-1 não teve nenhum envolvimento com projetos, produção bibliográfica, produção técnica ou orientações vinculadas à GE.

Relativo aos projetos de extensão somente dois professores disponibilizam aos discentes o contato com a GE, mas não de forma central. Em entrevista, um desses docentes relatou que por duas vezes não teve sucesso ao ofertar o projeto de extensão centrado na GE e voltado para escolares dos anos finais do ensino fundamental. Os demais professores, cerca de 60% da amostra disponibilizou projetos de ginástica, mas com foco para comunidade, idosos e servidores técnico-administrativos.

A produção bibliográfica tem consonância com os projetos de pesquisa, pois o número de produções se equivale ao número de projetos com foco na GE desenvolvido pelos docentes. Ost *et al.*⁴⁰ dizem que a produção científica universitária é muito importante pois ajuda na “avaliação da qualificação do saber produzido, sua socialização e para ampliação da nossa intervenção na realidade”, e além disso, acreditamos que esta produção também está ligada a identidade de cada profissional e por conseguinte a instituição em que se inserem, refletindo mesmo que tangencialmente na formação dos acadêmicos.

Referente a artigos com a temática da GE, Lisboa e Teixeira⁴¹ em pesquisa realizada dentro de cinco periódicos nacionais encontraram somente onze artigos que envolviam a temática. Pela análise do currículo Lattes dos professores pesquisados podemos constatar uma similaridade, pois constatamos o mesmo número de artigos publicados em periódicos.

Em relação à produção científica dos professores universitários Afonso⁴², diz que as universidades são pressionadas por produtividade, logo pressionam os docentes. Isso implica em competição entre as instituições, que necessitam elaborar estratégias para atender as demandas, sobretudo da pós-graduação, como por exemplo, o incentivo a produtividade dos docentes, aumentando o conceito dos seus cursos e por conseguinte atraindo mais discentes para suas instituições. Porém entende-se que essas medidas ainda não foram suficientes para

mudar a realidade de produção científica relacionada à GE. Uma hipótese é que os docentes estudados também tinham outros interesses e outras prioridades levando a publicações em outras áreas diferentes da GE.

Parece que o baixo interesse com a GE perpassa as disciplinas nos cursos de licenciatura, a pós-graduação e produção científica, chegando até o cotidiano da Educação Básica. Assim é possível perceber um encadeamento negativo entre a pequena produção científica e ações extensionistas voltadas para a GE nos cursos de Licenciatura que são coerentes com os problemas desse conteúdo encontrados no cotidiano da EF na Educação Básica. Há muito tempo nas escolas a prática da GE é minoritária se comparada aos esportes. Conforme Toledo⁴³ a ginástica perdeu espaço na escola ao mesmo tempo em que ganhou noutros ambientes, como nas academias. E, Pereira¹⁴, Guedes e Guedes¹³, Azevedo¹⁵, Pereira; Silva¹⁶ e Fortes *et al.*¹⁷ também informam baixa prática ginástica na EF da educação básica, e um grande apelo ao esporte, nas suas diversas manifestações dentro do ambiente escolar.

Conclusões

A partir dos PPC, entrevista com coordenadores e professores responsáveis pela GE de seis cursos de Licenciatura em EF nas cinco UF-RS constatou-se que, de forma obrigatória, é ofertada ao menos uma disciplina com foco na GE. As ementas contemplam, dentre outros elementos, contextualização sócio-histórica, fundamentação pedagógico-didática e particularidades técnico-instrumentais de uma disciplina que – ainda que limitadamente epistemológica e quantitativamente - pode proporcionar competências básicas para o ensino da ginástica, como conteúdo constitutivo da EF, desde as práticas nos Estágios Curriculares Supervisionados até nas ações profissionais enquanto docentes da educação básica.

A GE, enquanto disciplina obrigatória, com carga horária oscilando entre um mínimo de 30 e máximo de 60 horas, provavelmente não poderá dar conta das necessidades de exercitação física qualificada aos alunos da educação básica. O condicional, “provavelmente”, decorre da consideração às dificuldades objetivas encontradas para o ensino da ginástica no cotidiano escolar, tal como se tem na literatura e nas vivências com a educação básica. Entendemos que, para qualificar a exercitação gímnica, indo além da utilização no aquecimento ou ao final das aulas de EF, os futuros professores necessitam de uma carga horária maior como esse componente curricular, para que haja uma maior apropriação do conhecimento e reflexão, criando condições de possibilidade para transposição à prática.

Apesar dos aspectos positivos encontrados é possível perceber que nos PPC as disciplinas de GE representavam 3,7% do total de disciplinas com natureza científico-cultural dos cursos. Em contrapartida, nas falas dos professores foi possível identificar divergência entre as informações, pois, segundo eles apenas 1,6% de disciplinas realmente tratavam da GE. Além desta discrepância, diagnosticou-se deficiência de produção científica relativa à GE por parte dos seus docentes assim como projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Essa baixa representatividade da GE dentro do currículo e a de sua ausência em projetos de pesquisa, ensino e extensão que envolvessem a temática, pode ter influência direta com a realidade no âmbito escolar, no momento que a ginástica é pouco utilizada neste espaço de predomínio das modalidades esportivo-recreativas.

No que diz respeito aos professores envolvidos com a GE, espera-se que possam refletir sobre essa área de conhecimento da EF, repensando suas ações pedagógicas. Que possam buscar uma aproximação das disciplinas de GE com projetos de ensino, pesquisa, e extensão desenvolvidos por eles. Esperamos também que a GE, de fato, tenha uma

centralidade escolar, afastando-se de formas e postulados gímnicos vinculados às academias, clubes e outros locais.

Por fim, que este trabalho possa cumprir a função de instigar o debate sobre a GE. Que sirva de elemento de difusão do conhecimento de um conteúdo de ensino o qual se volta, pedagógica e especificamente para a corporeidade, proporcionando melhorias cognitivo-motoras aos alunos da Educação Básica. Sugerimos a realização de mais pesquisas envolvendo a GE, sobretudo sua inserção nos currículos de outras instituições de Ensino Superior, em outros contextos culturais e geográficos, enriquecendo o debate na área e proporcionando a reflexão necessária para uma efetiva mudança.

Referências

1. Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de Dezembro de 1996.
2. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 02: Institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores de Educação Básica em nível superior. Brasília, 19 de Fevereiro de 2002.
3. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 07: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Brasília, 31 de março de 2004.
4. Ilha FRS, Krug RR, Krug HN. A experiência docente na prática de ensino/estágio curricular supervisionado em educação física dos acadêmicos do CEFD/UFMS (currículo 1990). *Revista Pedagógica* 2009;11(22):85-108.
5. Marinho IP. *Sistemas e Métodos de Educação Física*. São Paulo: BRASIPAL, 1982.
6. Marinho IP. *Paladino da educação física no Brasil*. Brasília: Horizonte, 1980.
7. Montiel FC, Pereira FP. Os conteúdos e a qualidade de vida na prática de ensino nos cursos de licenciatura em Educação Física no RS: uma abordagem inicial. 23º Simpósio Nacional de Educação Física; 12-15 Set, 2004; Pelotas, RS: Editora e Gráfica Universitária, 2004.
8. Silva AM, Nicolino AS, Inácio HLD, Figueiredo VMC. A formação profissional em Educação Física e o processo político social. *Rev Pensar Prát* 2009;12(2):1-16.
9. Silva SAPS. A atuação em esportes e seus desafios à formação profissional. In: Nascimento JV, Farias GO. *Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da formação à intervenção*. Florianópolis: UDESC; 2012, p. 467-492.
10. Pereira FM. *O cotidiano escolar e a Educação Física necessária*. Pelotas: Universitária/UFPEL; 1997.
11. Rinaldi IPB. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. *Rev Bras Ciênc Esporte*; 2003;24(3)3:159-173.
12. Pereira FM. A favor da ginástica no cotidiano da Educação Física no ensino médio. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*; 2012;11(2):47-58.
13. Guedes JERP, Guedes DP. Características dos programas de Educação Física Escolar. *Rev Paul Educ Fís*;1997;11(1):49-62.
14. Pereira FM. Nível Médio de Ensino: Aulas de Educação Física como Espaço de Concretização Pedagógica no Cotidiano Escolar. *Rev Pensar Prát*;1999; 2(2):136-155.

15. Azevedo ES. O agir pedagógico dos professores de Educação Física no ensino técnico federal do estado do Rio Grande do Sul. 2001. [Dissertação de Mestrado em Educação Física]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2001.
16. Pereira FM, Silva AC. Sobre os conteúdos da educação física no ensino médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul. *Rev Educ Fís/UEM*; 2004;15(2):67-77.
17. Fortes MO, Azevedo MR, Kremer MM, Hallal PC. A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. *Rev Educ Fís/UEM*, 2012; 23(1):69-78.
18. Cardoso MA. Educação Física no ensino médio: desenvolvimento de conceitos e da aptidão física relacionados à saúde. *Rev Bras Educ Fís Esporte*; 2014;28(1):147-161.
19. Chicati KC. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. *RevEducFís/UEM*; 2000;11(1):97-105.
20. Almeida ARS. A ginástica na escola e na formação de professores. [Tese de Doutorado]. Bahia: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação; 2005.
21. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Escola de Educação Física. Projeto Pedagógico do Curso Educação Física Habilitação Licenciatura. Porto Alegre, 2012.
22. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e Desporto. Projeto Político-Pedagógico Curso de Educação Física-Licenciatura. Santa Maria, 2012.
23. Universidade Federal de Pelotas. Escola Superior de Educação Física. Projeto pedagógico de Curso diurno de Licenciatura em Educação Física. Pelotas, 2011.
24. Universidade Federal de Pelotas. Escola Superior de Educação Física. Projeto pedagógico de Curso noturno de Licenciatura em Educação Física. Pelotas, 2011.
25. Universidade Federal do Rio Grande. Curso de Educação Física. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física. Rio Grande, 2005.
26. Universidade Federal do Pampa. Curso de Educação Física. Projeto Pedagógico de Curso de Educação Física-Licenciatura. Unipampa, 2012.
27. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas; 2011.
28. Bardin L. Análise de conteúdo. 7 Ed. Portugal: Edições 70; 1977.
29. Junior EG, Simões JL. História da Educação Física no Brasil. Recife: UFPE, 2011.
30. Soares CL. Educação Física: raízes europeias. Campinas: Autores Associados, 2001.
31. Brasil. Diretrizes Curriculares Nacionais. Resolução nº 01: Institui a Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 18 de fevereiro de 2002.
32. Barbosa IP. A ginástica nos cursos de licenciatura em educação física do Estado do Paraná. [Dissertação de Mestrado em Educação Física]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 1999.
33. Rinaldi IPB. A ginástica como área do conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma reestruturação curricular. [Tese de Doutorado em Educação Física]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 2005.
34. Maschio V, Silva AR, Basei AP, Ilha FRS, Krug HN. Pesquisa, ensino e extensão na formação inicial dos professores de Educação Física: contribuições ao desenvolvimento profissional. In: Seminário Internacional de Educação, 13, 2008, Cachoeira do Sul. Anais. Cachoeira do Sul.

35. Razeira MB, Machado CRC, Pereira FM. O currículo de licenciatura em educação física: um enfoque na ginástica. In: Encontro de Pós-Graduação 15, 2013, Pelotas. Anais. Pelotas.
36. Ilha FRS, Krug HN. A licenciatura em educação física e a sua articulação com a educação física escolar e a sua docência. *Revista Eletrônica Pesquis educa*, 2012;4(7):24-43.
37. Alexandre PA, Judy JE. The Interaction of Domain-Specific and Strategic Knowledge in Academic Performance. *Rev Educ Res* 1998;58(4):375-404.
38. Coll C. Os conteúdos na reforma – Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
39. Libâneo JC. Didática. São Paulo: Cortez; 1999.
40. Ost MA, Quadros HM, Afonso MR. A produção do conhecimento dos professores de Educação Física: um estudo sobre o estado da arte nos ‘Encontros sobre o poder escolar’. *Revista Digital* 2010;15(148):1.
41. Lisboa NS, Teixeira DR. A atualidade da produção científica sobre a ginástica escolar no Brasil. *Conexões* 2012;10:1-9.
42. Afonso MR. Articulação do Conhecimento Graduação/Pós-Graduação: Um estudo de caso as UFRGS. [Tese de Doutorado em Educação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação; 2003.
43. Toledo E. Proposta de conteúdos para a ginástica escolar: Um paralelo com a Teoria de Coll. [Dissertação de mestrado em Educação Física]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 1999.

Agradecimento: Obrigado Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior pelo auxílio durante a realização desta investigação.

Recebido em 04/12/15.

Revisado em 18/05/16.

Aceito em 22/08/16.

Endereço para correspondência: Maurício Berndt Razeira. Rua Luís de Camões, 625, Bairro Tablada, RS, CEP: 96055-630.
E-mail: mauricio_razeira@hotmail.com